

Dossiê Antropologia e imagem: produções visuais na cidade**Usos do desenho na feira livre: experimentações
(etno)gráficas no mercado público de Rio Tinto (PB,
Brasil)**João Martinho de Mendonça¹Professor dos cursos do Programa de Pós-Graduação e de
Bacharelado em Antropologia
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)João Vitor Velame²Graduando do curso de Bacharelado em Antropologia
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)**RESUMO**

O objetivo deste artigo é apresentar uma narrativa etnográfica construída a partir do uso do desenho como ferramenta metodológica. A pesquisa foi realizada na feira livre do mercado público de Rio Tinto, cidade localizada no interior do litoral norte da Paraíba, Brasil. A observação da venda de aves e crustáceos na perspectiva das relações entre humanos e não humanos, bem como a percepção dos ritmos e da duração da feira, constituem a tônica da experiência narrada. Procura-se, ao longo desse percurso, oferecer uma visão geral da feira no contexto urbano, tanto quanto descrições detalhadas de personagens e situações. O trabalho procura demonstrar, finalmente, possibilidades metodológicas experimentadas, através do uso do desenho, numa pesquisa antropológica sobre feiras urbanas.

Palavras-chave: Desenho etnográfico; antropologia visual; feira livre; mercado público; Rio Tinto.

Uses of drawing at the fair: (ethno)graphic experiments in a public market in the countryside of Paraíba - Brazil

ABSTRACT

The aim of this article is to present an ethnographic narrative created from the use of drawing as a methodological tool. The research was produced at the public market of Rio Tinto, a city located in the interior of the northern coast of Paraíba, Brazil. The observation of the sale of birds and crustaceans from a perspective of the relationship between humans and non-humans, as well as the perception of the rhythms and duration of the urban fair, those are the keynote of the narrated experience. Along this route, we seek to offer an overview of the market fair in an urban context, as well as detailed descriptions of personage and situations. The work seeks to demonstrate, thus, methodological possibilities experienced, through the use of drawing, in an anthropological research at urban fairs.

Keywords: Ethnographic drawing; visual anthropology; market fair; public market; Rio Tinto.

Usos del dibujo en la feria: experimentos (etno)gráficos en el mercado público del interior de Paraíba - Brasil

RESUMEN

El propósito de este artículo es presentar una narrativa etnográfica construida a partir del uso del dibujo como herramienta metodológica. La investigación se llevó a cabo en el mercado público de Rio Tinto, una ciudad ubicada en el interior de la costa norte de Paraíba, Brasil. La observación de la venta de aves y crustáceos desde la perspectiva de la relación entre humanos y no humanos, así como la percepción de los ritmos y la duración de la feria, son la nota clave de la experiencia narrada. A lo largo de esta ruta, buscamos ofrecer una visión general de la feria en el contexto urbano, así como descripciones detalladas de personajes y situaciones. El trabajo busca demostrar, por lo tanto, las posibilidades metodológicas experimentadas, mediante el uso del dibujo, en una investigación antropológica sobre ferias urbanas.

Palabras clave: Diseño etnográfico; antropología visual; mercado libre; mercado publico; Rio Tinto.

Introdução

Há muito temos experimentado a articulação entre a pesquisa de fotografias antigas (KOSSOY, 2001) e a coleta de relatos orais (QUEIROZ, 1988) para levantamento e reflexão sobre as memórias sócio-históricas de uma antiga cidade fabril chamada Rio Tinto, localizada no interior do litoral norte da Paraíba (MENDONÇA, 2014). Além da característica de ter sido uma cidade industrial no século passado, Rio Tinto tem um campus da Universidade Federal da Paraíba, com um curso de graduação em Antropologia em funcionamento desde 2007. Cabe também notar que toda a região do entorno é marcada pela presença efetiva dos índios Potiguara, registrada desde tempos coloniais (MOONEN e MAIA, 1992).

Nesse contexto, diversas reflexões metodológicas e teóricas tiveram lugar, com a formação de coleções imagéticas, produções fílmicas e defesas de Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação e Mestrado, junto ao grupo de pesquisa AVAEDOC¹. Este artigo se soma a essas contribuições e tem o objetivo de apresentar resultados de uma pesquisa mais recente, na qual a introdução do desenho etnográfico contribui para repensar a etnografia urbana em articulação com a antropologia visual, com ênfase na observação dos ritmos temporais e das relações entre seres vivos numa feira livre. A questão básica delimitada aqui, todavia, é saber como a prática do desenho pode funcionar enquanto método visual etnográfico?

Se por um lado, como parecem sugerir tanto Tim Ingold (2015) quanto Yves Winkin (1998), o desenho pode e deve ser usado por quaisquer etnógrafos, independentemente de suas supostas habilidades pessoais para tal, por outro lado, cada pesquisador(a) procura adotar técnicas com as quais se sente mais à vontade para o exercício etnográfico. Num artigo publicado por Margaret Mead (MEAD, 1970) intitulado “Arte e tecnologia do trabalho de campo”, a autora enfatiza a importância das habilidades e inclinações pessoais, inclusive artísticas, na definição das técnicas e métodos a serem empregados numa pesquisa antropológica. Em nosso caso, embora também tenham sido usadas fotografias e filmagens, o conhecimento mais avançado do pesquisador² sobre técnicas de desenho foi determinante para a metodologia adotada.

A prática do desenho na feira representou desafios, em termos visuais, que vão além dos problemas geralmente discutidos quando se trata de usar câmeras na pesquisa. Desde a inserção do pesquisador no campo até as peculiaridades da edição dos desenhos

produzidos, muitas possibilidades puderam ser experimentadas ou vislumbradas. Como situar, pois, esse tipo de produção gráfica no processo de pesquisa de campo? Quais seriam as peculiaridades da expressão gráfica, em termos de instrumentos de pesquisa e elaboração dos seus resultados? O que representa a criação gráfica para o método visual, quando comparada com as criações fotográficas ou videográficas? Em que medida o uso do desenho pode favorecer a inserção do pesquisador, tanto quanto a colaboração por parte dos sujeitos desenhados?

O processo de desenvolvimento dessa pesquisa levou, efetivamente, às pessoas que fazem a feira, um pouco do que é o trabalho antropológico com imagens, na medida em que se trata de uma etnografia desenhada no mercado público e a partir dele. Etnografia constantemente negociada pelo pesquisador, nos espaços e interações com as mais diversas personagens locais. Neste artigo serão apresentados desenhos, descrições e narrativas em primeira pessoa, como expressões indissociáveis da experiência singular do pesquisador no campo. Nas seções seguintes vamos procurar descrever a feira, primeiramente num plano geral para, em seguida, oferecer a perspectiva de três diferentes pontos de observação, antes de partir para considerações conclusivas.

Cidade e mercado no ritmo da feira: plano geral

A cidade de Rio Tinto³ está localizada no litoral Norte no Estado da Paraíba. Muitas das memórias locais referem-se ao período de funcionamento da fábrica (Companhia de Tecidos Rio Tinto - CTRT), a qual foi responsável direta pelo processo de urbanização local⁴. Além de Rio Tinto, hoje a região do Vale do Rio Mamanguape abrange outros nove municípios⁵. Destacam-se na paisagem urbana: uma igreja central, o antigo cinema Orion, duas praças principais e o mercado público, entre outros lugares, em sua maior parte, marcados pelos tijolos vermelhos, usados nas edificações feitas pela fábrica desde a primeira metade do século XX. Entre a praça João Pessoa e a Praça da Vitória fica o mercado público (Santo Agostinho)⁶, o qual possui também uma praça, batizada com o nome do antigo prefeito da cidade. A praça Augusto Rodrigues da Silva, portanto, se originou do processo de revitalização⁷ promovido durante o mandato do mesmo.

Localizado, portanto, no centro da cidade, este mercado tem quase todo seu entorno ocupado com atividades comerciais. São no total cinquenta e três lojas ao redor, algumas colocam seus produtos fora de seu ambiente do dia a dia, utilizando espaços públicos, nos tradicionais bancos de madeira dos feirantes (conhecidos também como

pendurados, produtos que são vendidos por feirantes fora de suas barracas, abacaxis que são empilhados formando o "calçadão dos abacaxis" (em certas épocas do ano vendem abacaxi e melancia), "carro do ovo" ou das bananas, galinheiros improvisados, enfim, um sem número de trocas/vendas ocorre em todo este ambiente, onde até os comerciantes fixos (das lojas do entorno e do mercado público) ressignificam suas estratégias comerciais em função dos dias de feira livre.

Em certas épocas do ano a feira pode acontecer uma ou mais vezes durante a semana (geralmente entre quarta e domingo) e há uma série de fatores que são considerados pela administração do mercado, pela prefeitura e pelos feirantes nessas ocasiões. As características sazonais envolvidas na produção de certos gêneros alimentícios constituem um destes fatores, bem como, por outro lado, as tradições culturais, que seguem orientações mais gerais (nacionais e regionais) tanto quanto locais (especificidades do município e do seu entorno), sejam de natureza cívica ou religiosa. Ao longo da pesquisa estive por diversas vezes na feira de sábado, bem como em outros dias variados, algumas vezes desde a madrugada, de modo a acompanhar a chegada e as atividades preparatórias dos feirantes.

As narrativas apresentadas a seguir se referem a uma incursão etnográfica realizada na feira livre, a qual ocorreu excepcionalmente dia 6 de setembro de 2019 (sexta-feira), antes do feriado comemorativo da independência do Brasil no dia 7 (sábado). Além do desfile cívico-militar, a prefeitura local promove uma série de atividades na semana que antecede este feriado, incluindo hasteamento de bandeiras, parque de diversões, apresentações de bandas marciais, fanfarras e shows, bem como a realização de uma vaquejada durante três dias (LISBOA, 2019). Na manhã deste dia 6, ao falar com um comerciante sobre a feira, ouvi dele os comentários seguintes, enquanto o observava numa cadeira de balanço, na frente da sua loja de sacolas e utensílios para festas:

(...) a feira é assim (...) a semana santa é dos católicos, muita gente come peixe, é a feira do peixe, assim a feira passa a ser no domingo. No Carnaval não mexe, o carnaval daqui é antecipado... Hoje já começa a vaquejada e amanhã as bandas tocam, por isso a feira é hoje. Sexta-feira santa não mata o boi, semana santa vai ser no domingo, pois pode matar o boi no sábado, o boi não se mata na sexta-feira santa. E hoje é por causa do desfile. (Edimilson da Rocha, entrevista semiestruturada, sexta-feira 06 de Setembro de 2019, Rio Tinto - Paraíba, Brasil)

Em outros momentos, como no final de ano, a feira pode acontecer duas vezes, conforme o dia da semana que coincide com o feriado. Por exemplo, se o dia de Natal é

no meio da semana, há uma feira livre na véspera de Natal e a outra é feita no sábado subsequente. O mesmo pode ocorrer em função de outros feriados e eventos, porém, quando a feira não é no sábado, nem sempre a quantidade de feirantes é a mesma, pois nestes outros dias "não é todo mundo que coloca banco". A redefinição dos dias para a feira livre pode também exigir maior esforço de negociação, conforme as datas e os tipos de evento ou feriado em pauta na cidade. Seu Edimilson, mencionado acima, apontou que isso costuma ser negociado entre os feirantes, para verem se "troca" ou "não-troca", que normalmente "não-troca".

Em certos dias, nomes mais específicos são atribuídos localmente, em consonância com os fatores já apontados. Por exemplo, durante a semana santa em Abril tem a "feira do peixe" e no domingo de Páscoa tem a "feira da carne" (no sábado já pode-se matar bois, para ter sua carne vendida no dia seguinte, como foi mencionado há pouco), já durante as festas juninas tem a "feira do milho". Em meio a estas variações de tempos vividos no mercado de Rio Tinto, retorno uma vez mais ao 6 de Setembro de 2019. Hoje não são todos os feirantes que "colocaram o banco", observo alguns feirantes novos, vindos de cidades vizinhas, eles estão trabalhando também na vaquejada. Na próxima seção passo a narrar e a desenhar, portanto, os encontros e observações realizadas a partir de três lugares (representados com círculos na figura 1), ao longo de um dia de etnografia na feira livre.

Na fila da lotérica: tomada 1

Na prática da observação participante, me encontro na fila da lotérica do mercado por volta de sete horas da manhã. Esta lotérica, nomeada "Celina", encontrava-se anteriormente dentro do mercado. Ainda é possível ver a estrutura e o letreiro antigo da lotérica, encontram-se entre dois abatedouros de aves, a "Galinha Frigorífico" e o "Bom de Frango". Atualmente a lotérica fica entre dois supermercados, os quais fazem uso do calçadão da rua da Aurora para venderem e guardarem produtos dos clientes.



Figura 2: Fila da lotérica "Celina". Nanquim, 14,8x10,5 cm, 200 g/m², 06 de setembro de 2019. Diário gráfico.

Observo que o mercadinho Rosa de Saron (lado esquerdo da lotérica) expõe vassouras e cestas básicas para fora, além de utilizar de uma tenda que protege estes produtos de estarem expostos ao sol. Este mesmo lugar é usado para guardar outros produtos de seus clientes, a quem alguns rapazes esperam com carrinhos de mão. Ao lado direito da lotérica encontra-se o supermercado do Brizola, com garrafas de refrigerante de 2 litros empilhadas umas em cima das outras criando algo semelhante a um cercado, usado para guardar produtos de clientes. Os supermercados acabam entrelaçados no ritmo da feira, com a modificação do uso do espaço do calçadão pela feira. A fila da loteria assume a forma de um “L” devido à uma banca de alface e verduras que é montada na lateral, o que faz a fila ficar mais próxima ao mercadinho Rosa de Saron, diferentemente dos outros dias.

Enquanto observo os ritmos, movimentos e paisagens sonoras na fila da lotérica, realizo alguns esboços em meu diário gráfico (figura 2). Neste tempo de espera na fila uso também o diário de campo, no qual faço anotações como as seguintes:

antes mesmo das sete horas da manhã, as pessoas começam a dirigir-se à fila para aguardar, tem pessoas que chegam com uma hora de antecedência para serem os primeiros. Da fila da lotérica vejo as mais variadas pessoas, todo tipo de gente, bebês de colo, crianças, adolescentes, adultos, idosos e até mesmo encontro com alguns estudantes da universidade, vejo uma mulher pedindo dinheiro e outra vendendo salgadinhos e guloseimas. (Diário de Campo, sexta-feira 06 de setembro de 2019, Rio Tinto - Paraíba, Brasil).

Neste lugar é possível ver, também, o movimento dos frentistas com seus carrinhos de mão, carregando produtos dos fregueses e criando algo semelhante a um engarrafamento. São pessoas subindo e descendo a rua com sacolas, carrinhos carregados com frutas e verduras, um vendedor que passa com uma ave de cabeça para baixo, segurando pelas patas que se encontram amarradas por um pedaço de corda. Observo que apenas as asas encontram-se soltas, um outro senhor passa carregando duas aves dentro de uma sacola com um buraco onde ficam só as cabeças para fora. O vendedor de caranguejos passa carregando-os pendurados em cordas. Vejo um senhor com uma garrafa de aguardente 51 pela metade em suas mãos e fregueses que acabaram de chegar com suas sacolas ainda vazias. Ouço os rádios sendo ligados na barraca de brinquedos e variedades em frente à lotérica, etc.

Na fila escuto diferentes conversas, pessoas param para cumprimentar colegas aguardando a lotérica abrir, estas paradas contribuem para o engarrafamento ao qual me referi acima. As prosas variam, tratam de política, novela, fofocas, ladainhas, relatos de acontecimentos durante a semana, plantações, falam sobre o clima quente, sobre o gato ou cachorro que ficou doente, sobre desentendimentos, sobre os planos para o final de semana e, até mesmo, sobre os "virotos"⁹ da noite anterior. Algumas pessoas guardam lugares para outros. Um senhor que passa pergunta "e a mulher?" para o rapaz de braços cruzados, o qual responde: "vou guardar canto aqui pra ela", ambos sorriem antes de se perderem de vista.

Observo a chegada de uma moradora da cidade que pede esmola¹⁰ na fila. Assim que a porta está se abrindo, por volta de oito horas da manhã, ela rapidamente deixa sua sacola de compras debaixo da barraca da senhora que vende verduras e farinha, cumprimentando-a rapidamente. Então vai até o começo da fila, começa a conversar com todos que estão à espera (com certa inquietude, falando rápido, contando histórias de sua vida, bem humorada), consegue rapidamente alguns trocados e logo desaparece. Por volta de vinte minutos depois ela volta com algumas verduras, deixa na sacola embaixo da

barraca e retorna à fila para pedir dinheiro novamente. Depois dela fazer isso três vezes não a vejo mais.

Sentada em frente à porta da lotérica há uma pequena comerciante com uma criança de colo. Ali, enquanto cuida de seu bebê, começa a montar sua mercadoria em cima de caixas de papelão, as quais consegue com outro rapaz. Este, por sua vez, fala no microfone e anuncia produtos do supermercado Rosa de Saron. Enquanto isso, em questão de minutos, já estão organizados salgadinhos e guloseimas sobre as caixas obtidas com o rapaz. Quando alguém sai da lotérica ela oferece estes produtos. Observo que algumas pessoas preferem apenas contribuir com dinheiro e não aceitam nada em troca, ela insiste mesmo assim, oferecendo salgadinhos ou guloseimas. Os esboços realizados no diário gráfico (figura 2) me permitem, posteriormente, rememorar alguns destes personagens e situações observadas no início da feira. A próxima parada é no ponto de venda de caranguejos.

Venda de caranguejos: tomada 2

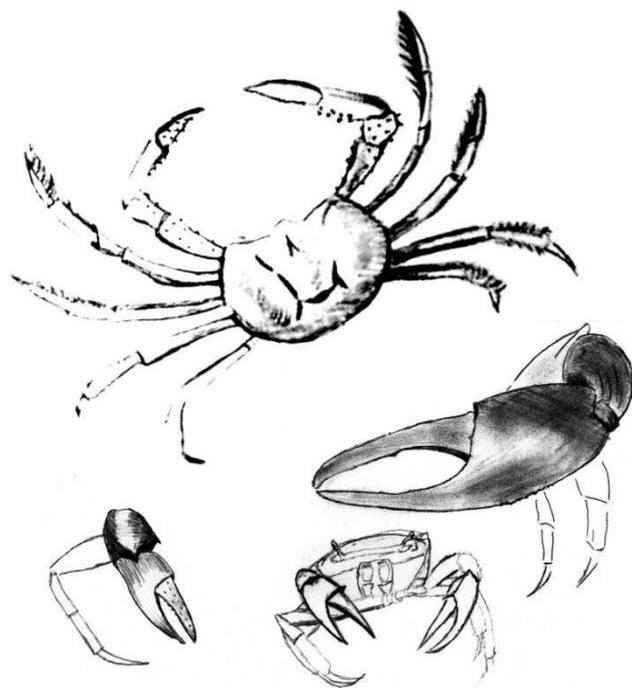


Figura 3: Ilustrações do Caranguejo "brabo" (Guaiamum), embaixo, e do caranguejo Uçá, com pelos nas patas. Grafite 6B, folha 27x35 cm 120 g/m². 30 de novembro de 2019. Caderno de desenho.

Na venda de caranguejo alguns feirantes utilizam bancos, outros o “tripé” de madeira e outros utilizam sacos, cestas artesanais e caixas de papelão (onde os crustáceos

ficam soltos). Estes feirantes encontram-se localizados na parte alta do mercado e próximos ao “galpão do peixe” (no mercado há três “galpões”, sendo estes “da carne”, “do peixe” e “da farinha”). Os caranguejos são vendidos presos por cordas ou presos por tiras de palha, as técnicas de amarrar variam, observo três formas diferentes: 1) caranguejos amarrados em grupos, conseguem movimentar-se; 2) caranguejos amarrados pelas patas, não conseguem se mover ficando imobilizados; 3) caranguejos suspensos nos tripés, apenas movem as patas.

Observo o movimento desses animais, de um lado para o outro, amarrados em grupos, quando estão prestes a cair são puxados para o centro do banco. Estes são os caranguejos uçá (*Ucides cordatus*), a forma como são amarrados facilita para transportá-los, pois quando o comércio está fraco os vendedores saem com uma ou duas “cordas” de caranguejo e caminham pela feira para vendê-los, a “corda” custa entre dez a vinte reais. Além do caranguejo uçá vendem também o caranguejo “brabo”, o guaiamum (*Cardisoma guanhumi*), cujo valor varia entre vinte e cinco a quarenta reais. Alguns destes caranguejos são capturados no apicum¹¹. Nos desenhos (figura 2) procurei caracterizar diferenças entre as duas espécies.

Próximo do quiosque, que vende caldo de cana e cachaças, acompanho dois homens que comercializam caranguejos, coco e banana. A mercadoria chegou há pouco tempo. Converso com um deles, ele me conta que são irmãos e diz que o outro vende as frutas e ajuda a amarrar os caranguejos. Eles compram direto de um homem mais velho, um índio Potiguara que entrega a mercadoria logo cedo e depois vai embora. Os dois irmãos, portanto, são feirantes e compram os caranguejos para revendê-los. Um deles relata que paga dez reais no banco e quatro reais para trazerem o banco até o local, no total quatorze reais. Relata que também faz pesca do uçá durante a semana e vende em sua cidade.

Um dos irmãos pega o saco onde caranguejos uçá encontram-se soltos e amarra-os ali mesmo com palha. Alguns homens se aproximam para conversar e beber com ele, em volta do caixote usado para amarrar os animais. Outros caranguejos ficam soltos dentro do saco, de modo que é possível observá-los movimentando-se. Entre cervejas e risadas, o feirante trabalha. Dá para sentir o cheiro da aguardente Pitu, consumida por um deles. Observo essa situação enquanto converso com o outro irmão.

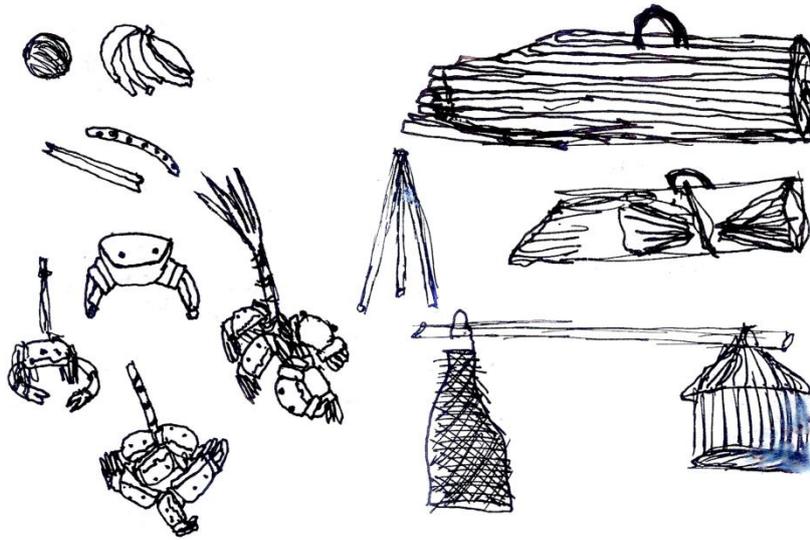


Figura 4: Objetos e produtos vendidos por dois irmãos. Nanquim, 15.5 x 21.5 cm 90 g/m². 06 setembro de 2019. Diário de campo.

Ele relata que há 20 anos vende na feira, me mostra alguns instrumentos que são usados para pegar caranguejo, camarão e siri. Dessa forma, realizo em meu diário de campo desenhos destes objetos (Figura 4) enquanto compartilhamos experiências e saberes. Alguns dos instrumentos que ele indica são o samburá (cesto) e o covo. Logo em seguida, mostra seu irmão amarrando os caranguejos: ele retira uma fita de palha cortando-a ao meio e começa a amarrar um por um. Estes feirantes apontam que não é sempre que os dois vendem juntos, pois têm dias que um tem produto e o outro não têm e vice-versa, chamando atenção também para as épocas de reprodução dos caranguejos¹².

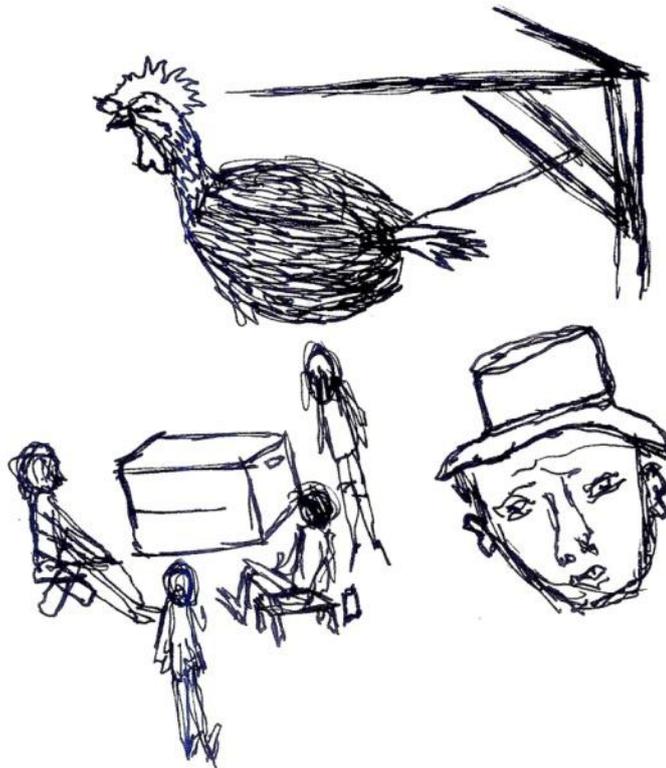


Figura 5: Trocando favores. Nanquim, 15.5 x 21.5 cm 90 g/m². 06 setembro de 2019. Diário de campo.

Observo ainda relações de cooperação entre os vendedores de caranguejo. Outro senhor que vende no calçadão, em frente ao banco dos irmãos mencionados, pede para ficar na sombra por causa do sol que estava pegando nos seus bichos dentro do saco. Dessa forma, traz seus produtos e organiza-os ali em frente ao banco deles. Ambos vendem caranguejo e ambos passam a compartilhar o mesmo lugar. Observo o modo como fazem para os caranguejos não perderem líquido: com garrafas d'água eles vão molhando esses animais toda vez que seu casco fica seco, o que ajuda a preservar a carne e a mantê-los vivos. Outro vendedor traz para o rapaz que vende caranguejos uma ave, a qual prende no pé do banco, antes de sair novamente. A ave fica tentando encontrar uma maneira de posicionar-se na sombra. Ao perceber isso, o vendedor de caranguejos muda

finalmente a ave para a sombra (Figura 5). Deixo o ponto dos caranguejos e volto a caminhar pelo mercado, até a próxima parada, onde me encontro com Josias e seu filho.

Aves vendidas, trocadas e abatidas: tomada 3

Enquanto me aproximo de uma das estruturas de metal do mercado público, observo a quantidade de bancos de madeira no calçadão. Ali encontro alguns galinheiros, improvisados com cercados de madeira ou melhor arranjados, como no caso de Josias, que vende suas aves em gaiolas de ferro. Josias da Galinha, como é conhecido, trabalha junto com seu filho mais novo e me conta que seu outro filho é como eu, pois está na universidade, porém, não tem tempo de ajudar no mercado, embora ajude-o a comprar as aves. Este vendedor organiza suas gaiolas durante a tarde de véspera, enquanto outros feirantes organizam seus produtos na madrugada, antes da feira começar.

Presenciei a troca de uma ave entre Josias e outro homem. Caminhando até o encontro de Josias, me deparei com tal homem que trazia uma ave debaixo do braço. Fazia muito tempo que o tinha observado devido à forma afetuosa como segurava a ave. Eis que este homem, segurando a galinha de capoeira, me conta que não precisa vender, mas que traz algumas galinhas por gostar de mostrá-las e de trocar experiências sobre cuidados e alimentação das mesmas. Diz que pode avaliar e mostrar o peso, as penas, o quanto estão saudáveis e, depois, se encontrar outra ave que admire, realiza uma troca. No momento em que este homem chegou até Josias, ele foi diretamente pesar uma ave que chamou sua atenção. Primeiro ele a segurou pelos pés para ver seu peso, depois pelas asas, para “confirmar” o peso, depois fez o mesmo com diferentes aves.

Josias comercializa peru, galo, galinha e pavão, além de vender ovos. Essas aves encontram-se em três gaiolas de porte grande, cobertas com folhas de bananeiras, as quais secam com o calor do dia (figura 8). As gaiolas ficam em cima de longos bancos de madeira. Observo a comercialização destas espécies vivas e percebo alguns dos critérios que entram nas avaliações das aves: são vendidas por peso, por tamanho, por suas cores e tipos, pelo fato de se reproduzirem ou não, por botarem ovos ou não etc. Além de serem comercializadas em dinheiro, também podem ser trocadas por outras espécies, com outros feirantes ou criadores visitantes (como o homem já mencionado).



Figura 6: Josias da Galinha segurando uma de suas aves. Nanquim, 14,8x10,5 cm, 200 g/m², 06 de setembro de 2019. Diário Gráfico.

O valor das aves que Josias diz para seus clientes me chama atenção, a primeira vez que escuto ele vendendo ouvi-o dizer assim: "essa ai é 6... aquela ali é 5". Depois de conversar com ele percebo que os valores 6 e 5 significam 60 reais e 50 reais, uma forma habitual de falar entre feirantes e fregueses. Quando cheguei ouvi ele falando para os seus fregueses que duas juntas (guardadas dentro de um caixote de plástico na garupa de sua moto) custavam "seis", "três" cada, já aquelas lá na frente custavam "cinco" cada. Quando ouvi esses valores pela primeira vez, alguém do lado de cá como eu, que nunca comprou uma galinha, fiquei espantado com o valor tão barato daquelas lindas aves de penas coloridas. Aprendi, assim, um pouco do vocabulário local usado nas vendas.

Vejo também que quando um cliente fica na dúvida do peso verdadeiro da ave, Josias da Galinha faz questão de ir na barraca vizinha e pesá-la na balança que o senhor das verduras têm em sua barraca. Volta sorridente. Tinha acertado novamente o peso e a troca é realizada.

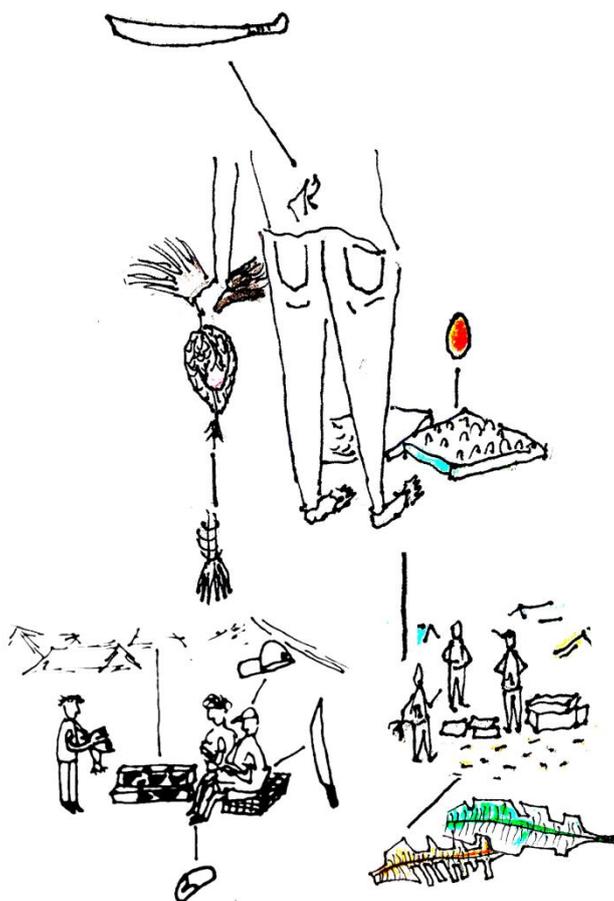


Figura 7: Sociabilidade entre trocas e vendas de aves. Nanquim e aquarela em pastilha, 14,8x10,5 cm, 200 g/m², 06 de setembro de 2019. Diário Gráfico.

Observo que o homem já demora mais de uma hora para fazer sua troca, as conversas se repetem: falam sobre o peso, sobre os valores, sobre seu terreno, sobre os ovos... e sobre os ovos, sobre seu terreno, sobre os valores, sobre o peso (Figura 7). Por fim, consegue fazer a troca pagando uma diferença no valor de quinze reais, entrega uma nota de vinte, logo depois Josias lhe devolve cinco reais. Ele pega, então, sua nova ave e lentamente começa a caminhar entre abacaxis, mesas, frutas e verduras, coisas e objetos espalhados no calçadão. Perco ele de vista junto ao movimento e o ritmo da feira livre, entre a multidão de cantos, risadas, gritos altos de promoção, agora tudo está mais barato.

Um pouco mais além dali, o caminhão das aves que são comercializadas para abate chega, por volta de 13h, as aves encontram-se em uma caixa de plástico, umas em cima das outras, são oito caixotes empilhados. Percebe-se que as aves não fazem tanto barulho, os caixotes não são feitos para que as aves consigam transitar lá dentro, tem por volta de quatro ou cinco aves cada. Este ponto de abate é nomeado “Galinha Frigorífico”. O

segundo ponto de abate se chama “Bom de Frango: em grosso e no varejo”, fica ao lado da antiga "Lotérica Celina". Aí as aves estão empilhadas em dez caixotes, totalizando sessenta caixotes em seis pilhas, além de outras quatro pilhas com oito caixas cada. Neste caso, as aves são jogadas dentro de uma máquina para serem abatidas, os feirantes que trabalham neste local têm como papel principal posicionar as galinhas na mesa e cortá-las de acordo com os pedidos de sua clientela. Fazem trocas das aves abatidas por dinheiro (somente venda), a negociação é rápida e com pouca interação entre clientes e feirantes, situação bem diversa daquelas observadas inicialmente.

Por fim, volto para acompanhar Josias por mais alguns minutos. Nessa hora do dia não têm muita sombra onde se possa ficar e o sol começa a incomodar. Observo que Josias possui vínculo com outros ambientes da feira, como é o caso de um de seus clientes, o qual pede para que de uma das aves fossem retiradas as penas, de modo que seu filho a levasse para o abate. Noutro caso, Josias pergunta para seu cliente se quer que retire a cabeça, cortando-a e jogando-a ali mesmo. Ao fim da feira já são poucas aves, em geral já vendidas e à espera dos novos donos, quando ficam amarradas pelas patas em pés de mesas próximas.

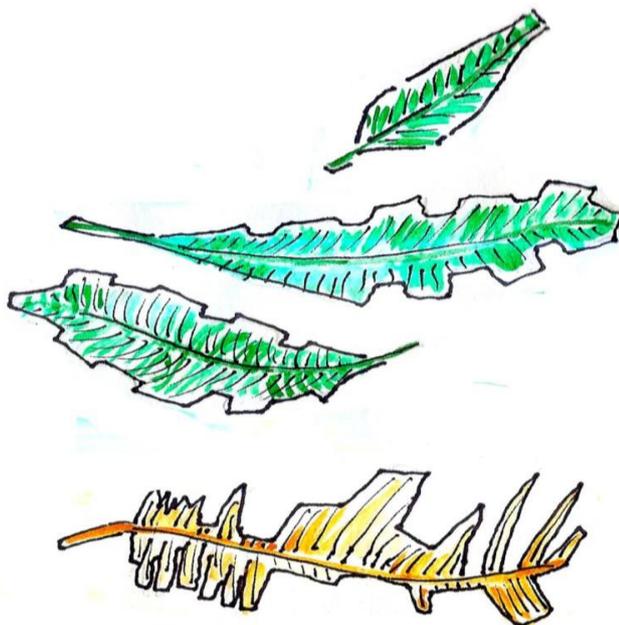


Figura 8: Já é fim de feira e as folhas secaram. Nanquim e aquarela em pastilha, 14,8x10,5 cm, 200 g/m², 06 de setembro de 2019. Diário Gráfico.

Enquanto isso, as conversas se repetem, seu filho começa a limpar as gaiolas, jogando as folhas secas de bananeira (Figura 8) e outros resíduos em um montinho, o que faz seu pai o lembrar: "não joga aí, joga próximo dos abacaxi, aí é casa da mulher, já te disse isso". Logo depois começam a organizar seus instrumentos e colocam-os próximos de seu carro, prontos para irem embora. É fim de feira. As folhas que estavam verdes pela manhã agora estão secas, aos poucos os ritmos desaceleram, a vida continua. Começam a aparecer os responsáveis pela limpeza do mercado, varrendo e jogando os resíduos em seus carrinhos de mão. O caminhão de lixo aparece para recolher o que sobrou da feira-livre. Os rapazes com os carrinhos de mão estão recolhendo os bancos de madeira, me preparo para voltar pra casa¹³.

Diário gráfico e digitalização no processo de pesquisa

Seguimos agora com algumas reflexões e apontamentos, de maneira a oferecer elementos para o debate das questões inicialmente levantadas sobre métodos visuais etnográficos. As narrativas e descrições apresentadas constituem uma amostra do trabalho de campo realizado com emprego de diferentes modalidades de desenho: cartográfico, esboços, estilizado, naturalista, colorido. O conjunto da narrativa foi estruturado a partir de um plano geral (do mercado público) e de observações tomadas de três lugares diferentes (cf. figura 1), neste mesmo ambiente, num dia de feira livre. Lugares onde o pesquisador esteve presente muitas outras vezes, para além da data referida (6 de setembro de 2019) para a construção do relato etnográfico aqui apresentado. Vejamos, pois, como essas diferentes técnicas foram experimentadas e organizadas ao longo da pesquisa.

Embora outras técnicas (entrevistas semi-estruturadas, fotografia, foto-elicitação, filmagem) tenham sido também utilizadas, o emprego do desenho foi concebido, desde o início, como a ferramenta principal a ser desenvolvida metodologicamente. A prática do desenho ao longo da pesquisa se tornou frequente, às vezes combinada com as outras técnicas mencionadas. Num primeiro momento, portanto, tratava-se de definir como o desenho seria empregado enquanto instrumento de pesquisa antropológica. Nesse sentido, os trabalhos antropológicos de Azevedo (2016a-b) e Kuschnir (2012, 2014, 2016), além de auxiliarem no "desenho" metodológico de nossa pesquisa, demonstravam relações entre desenho e antropologia (inclusive históricas), bem como articulações possíveis com debates nos campos das antropologias da arte, urbana e visual.

Para pensar o uso de diário de campo e de diário gráfico, partimos do sentido dado a essas noções no artigo de Azevedo (2016a). O diário de campo, portanto, foi usado para tomar anotações manuscritas durante a pesquisa, eventualmente acompanhadas de desenhos. Já o diário gráfico foi pensado para proporcionar a experimentação de materiais diversos, a saber: aquarela (que exige papéis de maior gramatura, adequada à pintura), grafite, nanquim e lápis de cor, todos eles com o objetivo de dar expressão aos mais variados tipos de desenhos imagináveis a partir do campo. Para diário gráfico, além de dois cadernos exclusivos (tamanhos médio e pequeno), foi também utilizado um caderno de desenho (de maior tamanho), no qual já haviam outros estudos artísticos, independentes de nosso projeto, além de folhas avulsas. Esse conjunto perfaz um total de quatro diferentes cadernos, três deles empregados exclusivamente como instrumentos de pesquisa, ou seja, como cadernos de campo.

Tínhamos como pano de fundo a questão de saber quais seriam os métodos visuais etnográficos mais adequados (PINK, 2001) aos objetivos específicos do nosso projeto. Havia, inicialmente, a intenção de dar livre curso à experimentação do desenho no exercício de uma etnografia da memória e dos ritmos, na qual contávamos, também, com fotografias antigas do mercado (MENDONÇA, 2012). A cada saída, portanto, o pesquisador pôde escolher entre diferentes possibilidades expressivas para ir ao campo, de acordo com expectativas, trajetórias e assuntos estipulados desde uma saída anterior e da releitura dos diários daquele dia, eventualmente alternando a prática dos desenhos com outras técnicas, como a foto-elicitação (BANKS, 2009). A experiência procurou, assim, articular observação e descrição com liberdade criativa e artística, além de explorar relações entre diferentes recursos visuais, concebidos a partir de metodologias qualitativas de pesquisa.

Para ficarmos apenas no uso dos desenhos, vejamos primeiramente o exemplo da figura 1 (mapa do mercado público). Este desenho teve seu primeiro esboço realizado no próprio mercado, utilizando o diário gráfico. Posteriormente foi reelaborado em casa para, então, ser recriado no caderno de desenho. A digitalização e a edição digital foram empregados, finalmente, para acrescentar os círculos coloridos que representam os três lugares visitados no dia 6 (fila, pontos de venda de caranguejos e de galinhas). Já no caso da figura 3 (caranguejos), foram feitos esboços diretamente no caderno de desenho, sem sair de casa. Após digitalização e tratamento digital foi finalizada a versão apresentada aqui, num processo que durou cerca de três dias, entre outras atividades. O uso das tecnologias digitais, portanto, constituiu mais um elemento importante do processo de pesquisa e criação.

Se nestes exemplos referidos acima temos duas formas de representação: icônica (mapa) e naturalista (caranguejo), pode-se dizer que nos demais casos outras formas, mais estilizadas, foram experimentadas. No caso da figura 2 (fila) os esboços foram desenhados na própria fila, utilizando o diário gráfico. Posteriormente, em casa, o contorno das linhas foi reforçado e teve lugar a digitalização. Assim, através da edição digital, foi possível reunir desenhos que haviam sido feitos em diferentes páginas do diário, num tipo de reorganização onde o conjunto finalmente esboçado serve para descrever, simultaneamente, uma série de observações diferentes, realizadas durante o tempo de espera na fila. O modo como aparecem as várias posturas dos braços das pessoas na fila, representado por duas linhas apenas, bem como as imagens das pessoas acompanhadas de crianças, do rapaz no microfone, das caixas de papelão e etc., sintetizam a habilidade do olhar em reconhecer e descrever técnicas corporais e materiais através de poucos traços, porém dotados de expressão e significado.

As figuras 4 e 5, primeiramente desenhadas no ponto de venda de caranguejos, utilizando o diário de campo, passaram por um processo semelhante (ao da figura 2) de reorganização digital, usado também na composição da figura 7 (ponto de venda de galinhas), originada do uso do diário gráfico no campo. Em todos estes desenhos, com traços multiplicados e maiores detalhes, vemos as possibilidades de desenvolvimento de um estilo de desenho etnográfico, experimentado pelo pesquisador. A figura 6 (Josias e a galinha) permite perceber a presença deste mesmo estilo, com um acabamento aprimorado, cuja unidade temática permite destacar o manejo das aves por Josias. Neste caso um desenho feito no diário gráfico com grafite no mercado foi, posteriormente, digitalizado e reelaborado em casa, havendo duas versões preliminares do mesmo. Dessa maneira, o desenho feito a mão e sua reelaboração digital são etapas complementares do mesmo processo criativo. A digitalização amplia, por outro lado, as possibilidades de articulação com outros meios de expressão (oral, sonora, escrita, fotográfica) na elaboração dos resultados da pesquisa.

Se fica claro, até aqui, como os desenhos podem servir “(...) como esboços, rabiscos, garranchos, rascunhos, insights de pesquisa. (...)” (AZEVEDO, 2016, p. 116), cabe notar, ainda, que sua prática constante pode levar ao desenvolvimento de um estilo próprio, seja de observação (a partir de um olhar antropológico) como, complementarmente, de expressão da visualidade etnográfica. Tentar desenhar consiste, para Winkin (1998, p. 134), em “dirigir” o olhar até os lugares e assuntos observados, tanto quanto levantar questões sobre eles (seus contornos, linhas, volumes, funções, etc.). O autor mencionado entende também que “(...) a etnografia hoje é ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina científica,

que consiste em primeiro lugar em saber ver. (...)” (Ibid., p. 132). Pensamos que os caminhos de nossa pesquisa podem ser vistos como aprendizados dentro das perspectivas mencionadas acima, desde os primeiros esboços experimentados em campo até o ponto em que os vários cadernos usados estavam repletos de desenhos e anotações.

Desenho-elicitação e potencialidades colaborativas

Vimos como a digitalização tem sido importante no processo de criação visual e de pesquisa, mas precisamos destacar a materialidade dos cadernos de campo (diário de campo e diários gráficos) para refletir sobre o lugar do desenho no processo de inserção do pesquisador. Parar para observar e desenhar em campo, usando um caderno, pode levantar diversas dúvidas e desconfiças, sejam em relação ao pesquisador como sobre o que ele está fazendo. Nesse sentido, um fato básico que faz parte da formação em antropologia é a adoção de princípios éticos que orientam a conduta e a reação do pesquisador nestas situações. Destacamos, a seguir, dois principais movimentos que demonstram a importância da materialidade dos cadernos para as interações e diálogos surgidos no mercado público durante a pesquisa.

No primeiro movimento, observar, desenhar, ouvir e escrever são partes de uma mesma situação vivenciada no campo. O pesquisador entra em cena para desenhar e as pessoas da feira já sabem que ele faz uma pesquisa para a universidade. Ao realizar desenhos e tomar notas do que observa e ouve durante a venda de caranguejos (figura 3), o pesquisador interpela os feirantes para mostrar os desenhos e tirar dúvidas, saber o nome das coisas, como elas funcionam, como eles pensam seu trabalho na feira, etc. e assim um diálogo é mantido. Nesse tipo de situação um feirante pode tomar em suas mãos o diário gráfico, olhar, tecer comentários, levantar questões, fazer elogios etc. Eventualmente a gravação de uma entrevista pode ser combinada para a próxima semana ou para o dia seguinte. Nessa mesma situação, outros novos desenhos são realizados (figura 4).

Noutro movimento, pode ocorrer de um feirante tomar a liberdade de pedir para ver os diários gráficos. Os desenhos realizados em campo passam, portanto, a despertar a atenção dos feirantes e o ato de desenhar no mercado passa a ser mais reconhecido. Um dos feirantes aponta: "esse é o rapaz que desenha!". Esse reconhecimento pode ser tomado como um índice da aceitação do pesquisador junto aos trabalhadores e frequentadores do mercado. É o que tornou possível colocar, numa mesa de madeira, os vários cadernos abertos com os desenhos e, juntamente com alguns feirantes próximos, improvisar uma

sessão coletiva de apreciação. Diversos comentários surgem dessa situação, são identificadas pessoas, lugares e materiais usados pelos feirantes e, dessa forma, o processo de pesquisa segue seu curso, com possibilidades ampliadas.

Nestes movimentos, a pesquisa vai mais além do “saber ver”, mencionado anteriormente, para incluir a dimensão interativa e dialógica da etnografia, a intersubjetividade, aquilo que Winkin propõe nos termos seguintes: “(...) saber estar com, com outros e consigo mesmo, quando você se encontra perante outras pessoas. (...)” (Ibid., p. 132). Significa, além disso, que os métodos visuais, com o uso de técnicas reconhecíveis pela grande maioria das pessoas, acabam por enfatizar a “desconstrução da objetividade etnográfica” e o “papel dos colaboradores da pesquisa na produção do conhecimento” (BANKS, 2009 apud GUBRIUM & HARPER, 2013, p. 32). O fato de compartilhar os desenhos com os feirantes e nestas situações realizar novos esboços e anotações, tende a contribuir, pois, para reduzir a distância que separa observação e descrição, pesquisador e colaboradores.

As situações que destacamos mais acima para tratar da materialidade dos cadernos e de seu compartilhamento no campo, na perspectiva da inserção do pesquisador, nos levam a pensar nas técnicas de “elicitação por imagens”, discutidas (com maior ênfase em fotografia, vídeo e televisão) por autores como El Guindi (2004) e Banks (2009). A elicitação pelo desenho foi efetivamente experimentada, tal como procuramos demonstrar nos dois movimentos apontados. Porém, as diferenças nos processos de criação dos desenhos, quando pensados em relação ao processo de criação de uma imagem fotográfica, por exemplo, mereceriam atenção numa discussão mais ampla sobre elicitação e métodos visuais etnográficos. Pois são diferentes gestos criadores: observar, segurar o dispositivo, enquadrar e clicar num botão, por um lado e, de outro, observar e deslizar o lápis na folha, observar novamente (ou imaginar) para, outra vez, seguir deslizando o lápis em novas direções e assim sucessivamente. Gestos que, por sua vez, implicam em diferentes posturas do corpo no campo de pesquisa, tanto quanto em diferenças na percepção dessas imagens pelos sujeitos observados e, conseqüentemente, na natureza das relações estabelecidas com eles.

Trata-se, pois, de refletir sobre como a visualidade gráfica pode favorecer a interação com as pessoas desenhadas e em que medida esse processo é mais ou menos comparável quando se trata de outros recursos visuais. Ao pensar, desta vez, no “método dos esboços” proposto no âmbito da “antropologia fílmica” sistematizada por France (1998), uma analogia se torna possível. Em suma: as diferentes e sucessivas filmagens,

intercaladas por sessões de vídeo-elicitação com os sujeitos filmados, poderiam corresponder a um conjunto de produções gráficas e reelaborações sucessivas, também intercaladas por sessões de desenho-elicitação, de maneira a avançar na exploração das potencialidades colaborativas do método visual. Embora não tenhamos adotado exatamente essa perspectiva, podemos dizer que caminhamos em sua direção, já que tanto a noção de “esboço” (oriunda do campo das artes), quanto experimentos com desenho-elicitação, estiveram bastante presentes nos processos de criação e pesquisa praticados junto à feira livre.

Considerações finais

Procuramos demonstrar aspectos de um método visual etnográfico desenvolvido através do emprego de desenhos, concebidos como instrumentos de pesquisa na cidade. Perspectivas teóricas sobre noções de tempo, ritmo e duração (ECKERT, 2012; ECKERT & ROCHA, 2015), memória (HALBWACHS, 2013; LE GOFF, 2003), movimento (INGOLD, 2015) e animalidade/humanidade (INGOLD, 1994, 2012), as quais serviram de orientação ao olhar¹⁴ experimentado na pesquisa realizada, não foram discutidas neste artigo. Tratou-se, sobretudo, de evidenciar dimensões metodológicas sobre o relato de uma experiência multi-sensorial de incursão etnográfica no mercado público de Rio Tinto-PB. Esperamos que tais apontamentos sirvam aos debates e articulações possíveis entre as antropologias urbana e visual.

As folhas que aparecem nos desenhos da figura 8, vistas mais atrás, sintetizam, nas suas cores aquareladas entre o verde e o amarelo, a duração e os momentos finais da feira livre. Tempo de recolher, silenciar. Outros aspectos implicados na experimentação antropológica da visualidade gráfica serão, pois, retomados em outros momentos, para além deste artigo. Seguimos, assim, um pouco do movimento da feira livre, que é desmontada para então recomeçar logo mais...

Notas:

1. Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual, Artes, Etnografia e Documentário. Sítio Eletrônico disponível em: <<https://avaedoc.blog/>>. Acesso em: 30 dez 2019. A pesquisa sobre a feira e o mercado público municipal de Rio Tinto foi desenvolvida para TCC com orientação de professor do curso de Antropologia; ambos trabalharam na concepção, elaboração e revisão final do presente artigo. O AVAEDOC e o curso de graduação em Antropologia estão sediados em Rio Tinto, já o

curso de Mestrado em Antropologia da UFPB foi estruturado conjuntamente pelos departamentos dos campi de João Pessoa e Rio Tinto, com sua primeira turma em 2011.

2. Todos os desenhos presentes neste artigo foram realizados por João Vitor Velame, o qual se identifica como artista independente. Os desenhos compõem sua Coleção Etnográfica do Trabalho de Conclusão de Curso de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba/Acervo Arandu/AVAEDOC, Rio Tinto-PB. Já a organização final dos desenhos para o artigo foi feita conjuntamente pelos dois autores. O texto foi elaborado e revisado por ambos, em diferentes etapas e por partes. O ponto de partida foi um trabalho desenvolvido para disciplina de antropologia urbana, ministrada pela Profa. Alessa Souza no período 2019.1. Coube ao orientador da pesquisa, João Mendonça, redirecionar e ampliar o argumento para compor o artigo. Agradecemos às contribuições dos pareceristas da Revista Equatorial pelas suas apreciações críticas na fase de submissão, a partir das quais foi possível chegar à versão final apresentada.

3. Possui uma população estimada no ano de 2019 de 24.176 habitantes com uma área territorial de 466,984 km² (IBGE, 2019)

4. “O município de Rio Tinto foi desmembrado da atual cidade vizinha de Mamanguape em 1956, quase quarenta anos depois de surgir como vila operária em função da instalação de uma fábrica de tecidos em terras de engenho de cana, ladeadas por áreas de ocupação indígena (Potiguara)”. (MENDONÇA, 2012, p. 85)

5. Mamanguape 42.303 pessoas, Cuité de Mamanguape 6.202 pessoas, Jacaraú 13.942 pessoas, Curral de Cima 5.209 pessoas, Itapororoca 16.997 pessoas, Marcação 7.609 pessoas, Baía da Traição 8.012 pessoas, Mataraca 7.407 pessoa, e Pedro Régis 5.765 pessoas. Os dados apresentados foram coletados no < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/rio-tinto/panorama> >. Acesso em: 02 set 2019.

6. O Mercado Público Santo Agostinho foi inaugurado em 23 de dezembro 1985 com recursos próprios da administração de Augusto Rodrigues da Silva.

7. Boletim Oficial do Município criado pela Lei N° . 422 de 18 de agosto de 1981, publicado no Diário Oficial do Estado em 11-09-1981. Lei Municipal N. 1.027/2017 – “Denomina a praça situada no calçadão do mercado público, que passará a chamar-se Praça Augusto Rodrigues da Silva”

8. Triângulos improvisados de madeira que servem para suporte dos caranguejos Uçá

9. Expressão utilizadas para descrever o ato de passar a noite em uma festa, trabalhando, escrevendo, etc. "Está de virote?" escuto um senhor perguntando para o outro enquanto esperam na fila (Caderno de Campo, sexta-feira 06 de Setembro de 2019)

10. “A esmola é fruto de uma noção moral da dádiva e da fortuna, de um lado, e de uma noção do sacrifício, de outro.” (MAUSS, 2001, p. 76)

11. "São capturados no apicum para serem criados em tanques no fundo de casa. O guaiamum em cativeiro é alimentado com dendê, bagaço de coco e pirão de farinha até atingir o tamanho considerado" (CARDOSO e GUIMARÃES, 2012, p. 66).

12. De acordo com a Lei. 9605/98 / Decreto Federal N°. 6514/08 - Dispõe sobre as infrações e sanções administrativas ao meio ambiente, estabelece o processo administrativo federal para apuração destas infrações, e dá outras providências

13.Os comerciantes tendem a começar suas vendas por volta de 05 horas da manhã e encerram suas atividades por volta de 13 horas da tarde, isso varia pois durante a semana também ocorrem vendas por alguns feirantes locais, e na sexta-feira alguns produtos já encontram-se expostos, sendo assim algumas pessoas fazem suas compras antecipadas. O abate de aves normalmente ocorre no dia anterior à feira livre.

14.Para uma discussão sobre a noção de “olhar teoricamente domesticado” e sua articulação com a visualidade da experiência etnográfica, sugerimos uma entrevista realizada com Roberto Cardoso de Oliveira (SAMAIN & MENDONÇA, 2000)

Referências

AZEVEDO, Aina Guimarães. *Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia*. *Áltera Revista de Antropologia*, v. 2, n. 2, p. 101 - 119, ago 2016a. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/34737/17602>>. Acesso em: 28 dez 2019.

_____. *Desenho e Antropologia*. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 5, p. 15-32, 2016b. Disponível em: <<https://cadernosaa.revues.org/1096>>. Acesso em: 28 dez 2019.

BANKS, Marcus. *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CARDOSO, T. M.; GUIMARÃES, G. C. (Orgs.). *Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba*. Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012.

ECKERT, Cornélia. *Memória e trabalho: etnologia da duração de uma comunidade de mineiros do carvão* (La Grand-Combe, França). 1. ed, Curitiba: Appris, 2012.

ECKERT, Cornélia & ROCHA, Ana L. C. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

EL GUINDI, Fadwa. *Visual anthropology: essential method and theory*. Lanham: Altamira Press, 2004.

FRANCE, Claudine. *Cinema e antropologia*. Campinas: Ed. Unicamp, 1998.

GUBRIUM, Aline & HARPER, Krista. *Participatory visual and digital methods*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2013.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

INGOLD, Tim. *Humanidade e animalidade*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28 (10): 39-54, 1994.

_____. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. *Horizontes antropológicos*. 2012, vol.18, n.37, pp. 25-44.

_____. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. São Paulo: Vozes, 2015.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. (2a ed. rev.). São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KUSCHNIR, Karina. *Desenhando Cidades*. Revista Sociologia & Antropologia, v. 02, n. 04, p. 295-314, 2012. Disponível em: <https://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2015/05/v2n04_13.pdf> . Acesso em: 28 dez 2019.

_____. *Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa*. Cadernos de Arte e Antropologia. 3(2), p. 23-46, 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cadernosaa/506?file=1>>. Acesso em: 28 dez 2019.

_____. *A antropologia pelo desenho: Experiências visuais e etnográficas*. Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 5, n. 2, pp. 5-13, 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cadernosaa/1095>>. Acesso em: 28 dez 2019.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. 5a ed. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LISBOA, Caio N. *Etnografia da fanfarra no contexto do desfile cívico de Rio Tinto*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa/Rio Tinto: Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, 2019.

MAUSS, M. [1923-24]. *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. In: Sociologia e Antropologia. v. II. São Paulo: Edusp, 2001.

MEAD, Margaret. “*The art and technology of fieldwork*”. In: Naroll, Raoul and Cohen, Ronald (eds.). *A Handbook of Method in Cultural Anthropology*. New York: Natural History Press, 1970, pp. 246-265.

MENDONÇA, João M. B. *Pesquisa fotográfica e fílmica no litoral norte da Paraíba*. In: FERRAZ, Ana L. C. e MENDONÇA, João M. B. (orgs.). *Antropologia Visual: perspectivas de ensino e pesquisa*. Brasília: ebooks ABA, 2014, pp. 439-470.

_____. *Ética, oralidade e pesquisa fotográfica*. Iluminuras (Porto Alegre) , v. 13, p. 85-100, 2012.

MOONEN, Franz e MAIA, Luciano M. (Orgs.) *Etnohistória dos Índios Potiguara*. João Pessoa, Procuradoria da República na Paraíba / Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Paraíba, 1992.

PINK, Sarah. *Planning and Practicing Visual methods: Appropriate Uses and Ethical Issues*. In: *Doing Visual Ethnography: Images, Media and Representation in Research*. Londres, Sage. 2001. pp. 30 - 46

QUEIROZ, Maria I. P. *Relatos Oraís: Do Indizível ao Dizível*. In: Von SIMSON, Olga M. (org.) *Experimentos com História de Vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988, pp. 14-43.

SAMAIN, Etienne e MENDONÇA, João Martinho de. *Entre a escrita e a imagem*. Diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, vol.43, no.1, p.185-236, 2000. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/etienne_samain_unicamp/artigos/>. Acesso em: 28dez2019.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

Recebido em 29 de fevereiro de 2020

Aceito em 15 de maio de 2020